

Davino Ribeiro de Sena

DIAS ATRÁS ELE VOAVA

Dias atrás ele voava
no azul onde um deus
dependurou os falcões
para adornar a janela.

Ao aspirar o sensual
perfume que exalavam
as ervas, desdenhoso
ele mira o vale abaixo.

Deixem que ele plane
sobre os foscos ribeirões
e os bares iluminados
com risos e olhares.

Lembras, amigo, ele
não deveria auscultar
uma qualquer, estrela,
de puro luar investido.

Caçador noturno, que voas
pelas estradas do luar,
o que buscas - além da luz
em fuga, sempre em fuga?
Poderás salvar tua alma
com tal fremito de asas
entre olhares esquivos
e mercenários risos?

Que obstinada loucura
conduziu-te ao abismo

como se asas tivesses
e alada noção de ritmo?

Agora teu corpo jaz
sobre o lajedo do poema
com um ranger no braço
onde querias ter plumas.

ODE AO SILÊNCIO

Aqui é seguro. Um silêncio com muros
erguidos à tua volta e a sensação de porta
sem chave, obediente a tua voz, abre-te
sésamo, o mundo cessa todo o estridente
discurso, e nem o ranger das pétalas se ouve
quando a primavera com mãos suaves acode
e o vale se enche de flores.

Podes erguer o lápis. O silêncio te dirá
o que fazer depois. Mas não há depois
para o poeta, o futuro se revela sem fundo
como um céu azul sem o redundante azul.
Não há pouso seguro e o lápis fica suspenso
sobre o papel em branco como um pássaro
apenso ao silêncio do canto.

Então ficarás sabendo! Havia um muro de silêncio
e o silêncio urdia uma porta. Teu mais recôndito desejo
era abrir a porta, sair para o vale das flores
amortecidas, sob o azul que também era silêncio
tecido de amor, qual vento no papel que às vezes se rompia
quando surgia um pássaro. Podes erguer o lápis.
Aqui é seguro.